

## Ethos atribuído por enunciadores

---

Ethos assigned by enunciators  
Ethos asignado por enunciadores

### Sírio Possenti

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/FesTA/Brasil)  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil)

### RESUMO

O objetivo principal do artigo é chamar atenção para um tipo de dado: atribuições de ethos. Conta a história de uma pequena pesquisa, expõe alguns desdobramentos da noção de ethos e esboça uma análise bastante sumária de um conjunto de dados, que tem mais a pretensão de abrir um campo do que propriamente de propor uma compreensão que soe como acabada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ethos; Enunciação; Epilinguismo.

### ABSTRACT

*The main objective of the article is to call attention to a type of data: ethos assignments. It tells the story of a small research, exposes some unfoldings of the notion of ethos and outlines a very summarized analysis of a set of data, which has more the pretension to open a field than to propose an understanding that sounds like finished.*

**KEYWORDS:** Ethos; Enunciation; Epilinguism.

### RESUMEN

*El objetivo principal del artículo es llamar la atención sobre un tipo de datos: las asignaciones de ethos. Cuenta la historia de una pequeña investigación, expone algunos despliegues de la noción de ethos y esboza un análisis muy*

---

\* Sobre o autor ver página 14.



*resumido de un conjunto de datos que tiene más la pretensión de abrir un campo que de proponer un entendimiento que suene como terminado.*

**PALABRAS CLAVE:** *Ethos; Enunciación; Epilinguismo.*

Essa falsa percepção liquidou com o PSDB, [que] passou a ter a **cara raivosa** de [...], todos **vociferantes, raivosos, salivando como cães hidrófobos** (Luiz Nassif).

O tom é 50% do que você está comunicando (de um comentarista de TV)

Este texto decorre do espanto ao constatar a quantidade das avaliações do tom de fala de um locutor<sup>1</sup> por seu ouvinte, especialmente em textos jornalísticos, mas também em textos literários. Os dados significam um problema para o analista. Inicialmente, senti-me num beco sem saída, que depois resolvi parcialmente, com alguma ajuda, como se verá no final. Por isso, o texto será em boa medida uma narrativa que expõe sua origem e seu desdobramento<sup>2</sup>; apresenta uma quantidade desproporcional de dados, alguns brevemente comentados. O objetivo é principalmente exibir um fenômeno do qual eu, pelo menos, não tinha me dado conta, e que pode fazer com que se considere um ângulo do *ethos* não comumente levado em conta.

O texto tem duas origens. A primeira foi a leitura da coluna do *ombudsman* da *Folha de S. Paulo* do dia 11/11/2018, na qual analisa o embate entre um repórter e o presidente Trump. Chamaram minha atenção duas avaliações da atitude do repórter feitas pela autora do texto, especialmente a distinção entre *incisivo* e *ofensivo* (a coluna contém outros elementos de interesse). Devo ter lido centenas de palavras com valor análogo antes desse dia, sem que elas chamassem minha atenção. Pareceu-me que provavelmente eram avaliações do *ethos* de um repórter, feitas por alguém que, simultaneamente, ocupa a posição de ouvinte do repórter e de locutor que fala a seus leitores, que, por sua vez, podem avaliar seu próprio *ethos*. Usualmente um analista se debruçaria apenas sobre a matéria para analisar o *ethos* do *ombudsman*. É o tipo de abordagem que mais se encontra.

A segunda inspiração é um trabalho de Cagliari (1989), do qual me lembrei logo após o *insight* acima mencionado, e que exponho em rápidas linhas. O traço principal desse trabalho é um levantamento, seguido de breves análises<sup>3</sup>, de marcadores prosódicos em obras literárias. Avalia que são “expressões que definem o modo de falar” [de personagens literárias]. Por exemplo, *murmurou, bradou, exclamou, gritou (e bateu o pé), replicou calmamente, ela tomou-se de infinita*

<sup>1</sup> Emprego narrador, autor, enunciador, locutor mais ou menos com o mesmo sentido para me referir a um repórter, a um cronista, a um colonista, que tanto escreve e fala quanto analisa o comportamento do outro. Simetricamente, emprego ouvinte e leitor tanto para o autor que ouve uma personagem quanto para o leitor de seu texto. Espero não comprometer o texto com essa decisão.

<sup>2</sup> A primeira versão do trabalho foi apresentada em 15 minutos no Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), em São José do Rio Preto, em julho de 2019, o que explica a coleta dos dados jornalísticos.

<sup>3</sup> Este trabalho foi seguido de diversos outros, especificando, detalhando, ampliando o *corpus*.

*delicadeza, respondeu agressivamente, disse vagarosamente* etc. (passim). Uma observação do autor me pareceu crucial: “a decisão da escrita de optar pela explicitação das atitudes do falante e não por marcas fonéticas específicas dos fenômenos prosódicos foi uma grande ideia” (p. 198).

Cagliari está interessado em prosódia (um campo em que foi pioneiro), não em ethos, e encontrou na literatura uma verdadeira mina que atesta a relevância deste tópico, ao qual a linguística não dá (não dava?) o merecido destaque, talvez devido à dificuldade de tornar a entonação “discreta” (a linguística se sai melhor analisando unidades discretas do que outros tipos de material) e assim poder descrever mais facilmente seus efeitos. Mas os narradores, nas obras literárias, estão atentos, destacam certos aspectos da entonação (e outros fenômenos, como velocidade da fala) e a descrevem de determinada maneira, especialmente pelos efeitos que tais traços produzem nele (que, de certa forma, desempenha o papel do curioso e de avaliador), nas outras personagens, na medida em que também são ouvintes / interlocutores de quem fala e, eventualmente, nos leitores.

O que Cagliari percebeu foi que as descrições prosódicas dos narradores e das personagens nas obras literárias são bem mais ricas do que a convencionalmente feita pela linguística (mesmo quando bastante detalhada) e que explicitam efeitos de sentido, embora não discretos como os de uma sentença, de um sintagma, de uma palavra ou de um morfema (como já disse). “Bradou” e “gritou” são basicamente descrições do tom de voz, “vagarosamente” descreve um ritmo, “calmamente” e “agressivamente” são avaliações do estado psicológico da personagem, atribuído, adequada ou inadequadamente, como se faz normalmente a um locutor/orador/enunciador, a partir de determinados critérios prototípicos de avaliação da voz. Cagliari descobriu, a meu ver, um tipo de corpus que pode ser acrescentado com vantagens às pesquisas sobre ethos, que se tornou em pouco tempo tema de muitos trabalhos, que analisam mais tipicamente corpus políticos e publicitários a partir de um ponto de vista que pode ser atribuído ao analista como leitor / ouvinte de textos, armado de categorias provavelmente mais refinadas do que as do ouvinte comum.

Adiante, vou me valer de dados muito similares para mostrar que a janela aberta por Cagliari pode ser bem mais relevante do que ele mesmo (talvez) tenha imaginado. Parece tratar-se de um fenômeno muito relevante, por pelo menos duas razões: a) os locutores/enunciadores dedicam-se muito frequentemente a este tipo de análise e, conseqüentemente; b) elas ocupam um espaço talvez não imaginado pelos que tratam das funções da linguagem; uma delas talvez devesse ser “avaliar continuamente a si mesma e aos interlocutores”, em uma atividade epilinguística.

A proposta deste texto, portanto, é propor que tais avaliações (apresentarei um número relativamente grande) se tornem questões de ethos, cuja melhor definição, provavelmente, é “**como se diz**”, especialmente em qual tom se diz, mas não só, pois “como se diz” pode incluir a velocidade da fala e outros parâmetros, com efeitos de sentido interpretados bastante uniformemente nas comunidades de fala como manifestações de raiva, de calma, de agressividade, de desespero, de clareza, de autenticidade, de franqueza, de medo etc.

De fato, Maingueneau (2020) começa assim sua última obra sobre ethos:

Estudar o ethos é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. Deixem-me esclarecer: uma representação *avaliada*, pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados (MAINGUENEAU, 2020, p. 9).

E Declerq (1922, p. 48, *apud* MAINGUENEAU, 2020) especifica:

Tom de voz, ritmo da fala, seleção vocabular e argumentos, gestos, expressão facial, olhar, postura, figurino etc. são igualmente signos, elocutórios e oratórios, indumentários e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica.

A tradição retórica e as abordagens discursivas e enunciativas mais recentes referem-se em geral ao que se pode considerar ethos mostrado<sup>4</sup>, vale dizer, à atribuição de um ethos ao enunciador que decorre de uma interpretação dos ouvintes baseada no modo de falar. Maingueneau introduziu também o conceito de ethos dito, uma descrição de si feita pelo próprio enunciador (sou decidido, alegre, aventureiro), considerando inicialmente anúncios em sites de relacionamento. Além disso, propôs que às vezes um ethos prévio é relevante, isto é, levado em conta na análise, especialmente quando se trata de enunciadores conhecidos, como é o caso de políticos e outras personalidades públicas. O ethos **efetivo** resulta desta combinação, que se faz, evidentemente, caso a caso (MAINGUENEAU, 2020, p. 12).

Tornou-se quase obrigatório apresentar a “evolução” do conceito na obra de Maingueneau, mencionando especialmente os conceitos de ethos pré-discursivo e a distinção entre ethos dito e ethos mostrado. Relendo Maingueneau (1984), pode-se verificar que há muito mais elementos sobre ethos nesta obra do que em geral se destaca, supondo-se comumente que se trata de elaboração posterior apenas aludida naquela obra, já que a palavra “ethos” sequer consta no texto. Mas estão lá a menção ao papel excepcional do tom (Bakhtin), a tese de que o escrito tem uma voz, “o primado do ritmo e da prosódia na semântica”, “a integração do discurso no corpo e na voz, e do corpo e da voz no discurso”, citando Meschonnic (MAINGUENEAU, 2020, p. 91).

Merece destaque a afirmação de que “A fé em um discurso supõe a percepção de uma voz fictícia, garantia da presença de um corpo” (p. 91). Para Maingueneau, o discurso humanista define certo ideal de voz (é quase um ethos *sugerido* pelos diretores espirituais aos adeptos deste posicionamento, como uma prática de vida), que o autor explica que são efeito dos semas da formação discursiva em questão: uma elocução doce, fundada no caráter e na corporalidade do enunciador: “desenha-se a presença de um enunciador capaz

---

<sup>4</sup> A tradição retórica romana de certa forma considerava já o ethos prévio.

de integrar-se às múltiplas “Ordens” do Real: afabilidade, disponibilidade, jovialidade, etc., que acabam por se cristalizar em uma doçura exemplar” (p. 92). Também estão já naquela obra os três sentidos de incorporação (p. 93) e a sentença (uma aforização) “maneira de ser através de uma maneira de dizer” (p. 94), que remete mais tarde ao “mundo ético”.

Mas é verdade que o conceito foi se tornando mais sólido em outras obras. Em Maingueneau (1998, p. 39) está um exemplo poderoso da relação dito / modo de dizer:

Richard McGee levanta-se muito antes do amanhecer. No frescor e no silêncio das manhãs do Tennessee, ele roda os pesados barris de Jack Daniel’s através dos armazéns de envelhecimento. Lentamente; no seu ritmo; sempre o mesmo. Na destilaria Jack Daniel’s, nunca fazemos nada com pressa.

Seria inimaginável outra pontuação, pois esta impõe um ritmo ao texto, que, tal como está, corporifica a lentidão dos processos que se repetem diariamente naquela destilaria. Seria estranho se a pontuação (mas também o léxico) contradissesse o “conteúdo” da propaganda.

As análises que constam em Maingueneau (1996) também fornecem novos ingredientes para a compreensão do ethos. Destaquem-se as anotações sobre voz, tipo de enunciados característicos e um correspondente “corpo” das personagens:

quando se abre a obra de Cervantes, nos chega a voz de um narrador [...] com um **tom** perfeitamente reconhecível e cuja **corporalidade e caráter** se traçam progressivamente mediante um contraste implícito dos excessos simétricos. Por um lado, o ethos de D. Quixote se manifesta pela **segura de sua corporalidade** (era de complexion recia, seco de carnes, enjuto de rosto”) e de seu caráter de dormir pouco e ler muito [que] lhe secou o cérebro de forma que veio a perder o juízo. No polo oposto, Sancho Pança, por seu nome e seu comportamento, manifesta o excesso contrário: um **corpo gordo e uma preocupação constante com a comida**. A este dois ethos correspondem dois modos de gestão do discurso: D. Quixote é o homem dos **enunciados longos e obscuros**, das “intrincadas razones” das novelas de cavalaria, enquanto Sancho é o homem dos **enunciados elementares, dos provérbios**; porém, tanto um como o outro enunciam mediante a repetição: o primeiro repete os parlamentos (!) das novelas; o segundo repete os ditos populares (MAINGUENEAU, 1996, p. 90).

Os “dados” que vou considerar são análogos aos descritos por Cagliari. Foram inicialmente recolhidos em crônicas de Nelson Rodrigues, nas quais se encontram passagens como “as manchetes de hoje não se **espantam**, nem se **desgrenham** / fala com uma **vaidade feroz e jucunda** / fala com a **nobre insolência** gaúcha / a **seca transparência** de Graciliano / não houve um pau-d’água ideológico que não me **cochichasse** / mas ele respondeu **vivamente**”, etc. e em numerosos (para meu espanto) dados da imprensa.

Minha hipótese inicial foi que se trata de uma subespécie de ethos dito. A especificidade seria que, ao invés de ser dito pelo próprio enunciador, seria dito por uma voz intermediária entre enunciador e leitor (o leitor “deveria” estar mais atento ao ethos do narrador e não ao das pessoas ou personagens cujo comportamento discursivo ele avalia). Se a voz das personagens fosse “ouvida”, ela poderia ser analisada pelo leitor. Mas geralmente essa voz não está disponível, porque o leitor ouve / lê apenas a avaliação do autor / narrador. Por outro lado, parecia-me também que se trata de um ethos mostrado, só que mostrado pelo narrador, e não pelo próprio locutor falando. Nenhuma das classificações me satisfazia, e eu não fui capaz de criar outra categoria para encaixar este tipo de ocorrência.

Por outro lado, aumentavam os casos em que passei a perceber - simplificando um pouco - a avaliação do tom e de outros traços relevantes para a construção do ethos. Tanto que, em certo momento da elaboração deste texto, escrevi: “Pode-se dizer que grande parte das análises, jornalísticas ou acadêmicas, e mesmo avaliações sem pretensão de evocar alguma teoria, põem em destaque, de alguma forma, o ethos. Ainda mais: não é incomum, mesmo no dia a dia, que se avalie algum pronunciamento nos seguintes termos: ‘nada contra o que ele/a disse; até concordo; o problema foi o jeito/o tom’”.

Em suma, tão frequentemente quanto se analisa um enunciado, um argumento ou uma tese, ocorre uma descrição/análise do tom da enunciação. Eventualmente, uma pessoa ou personagem é apresentada preferencialmente por essa via, ou seja, seu ethos. Um exemplo é a representação de Bolsonaro (ver Figura 1), antes de sua eleição presidencial, com patas no lugar das mãos (o sentido é ‘ele argumenta escoiceando’). Antes de qualquer “ideia”, é o tom agressivo de suas falas que é evocado:

**Figura 1.** Representação de Bolsonaro em **Humor político**

NO FLAGRANTE, O DEPUTADO  
DEFENDE SEUS PRINCÍPIOS,  
SEUS MEIOS E SEUS FINS.



Fonte: Renato Aroeira, **Humor político**, 8 jul. 2018. Disponível em:  
<https://www.humorpolitico.com.br/aroeria/bolsonaro-ou-o-desejo-masquista/>

Outro dado: em artigo na *Folha de S. Paulo* de 06/07/2019, p. B3), Oscar Vilhena Vieira fala da necessidade de que os debates sejam menos *indignados* (e opina sobre a ineficácia dos debates que têm esse tom). No artigo

há passagens como “A indignação passou a ocupar um papel central em nossas vidas”; “as pessoas não mais se contentam em discutir, criticar e discordar. Precisam deixar claro que estão indignadas”; “a indignação reduz nossa capacidade de enxergar as vicissitudes do outro”; “precisamos substituir a indignação histriônica pela disposição prática de resolvê-las democraticamente”. São conselhos para que o debate não se faça em tom indignado. Mas a sugestão é precedida de uma avaliação negativa o tom dos debates. Em nenhum momento o autor discute posições políticas ou outras. Apenas se *queixa* do tom dos debates. Aliás, Maingueneau (1984, p. 93) dissera que “o modo de enunciação se torna frequentemente tema do discurso”, como era o caso dos manuais dos humanistas devotos.

Os dados que selecionei, como disse, me deixam em dúvida sobre a classificação do ethos que é descrito nos textos, porque não é nem o ethos dito típico nem o típico mostrado, tal como estes têm sido propostos. Descritivamente: trata-se do ethos de um locutor ou de uma pessoa (nem sempre se trata da voz; pode tratar-se do corpo, de gestos) segundo a avaliação de outro enunciador, que é tanto ouvinte ou expectador quanto um enunciador (autor, narrador) que descreve ou avalia tal ethos.

Foi especialmente durante alguns dias dos primeiros meses do ano de 2019, que chamou minha atenção a quantidade enorme, na mídia, de avaliações do tom de declarações. Eram os primeiros tempos do governo Bolsonaro, e muitas matérias tratavam das conversas, das declarações, dos recados, das controvérsias em que se envolviam personagens da política. Comecei a anotar. E logo percebi que o mesmo acontecia em outras matérias, que tratavam de outros temas. E nas crônicas de Nelson Rodrigues, que lia simultaneamente, buscando outros dados (aforizações).

Faço a primeira lista de dados, sem mencionar as fontes exatas, o que acho irrelevante:

1. Camisas amarelas vão para o revide e defendem Moro com *raiva* na Paulista;
2. [...] apoiadores de Bolsonaro *sobem tom* contra Maia pós-votação da Previdência;
- 3 - Janaína Paschoal (PSL) é adepta das *afirmações veementes e dos gestos largos*;
4. [...] sua *fala é pausada, e os gestos, calculados*;
5. Seu *jeito cauteloso* contrasta com os arroubos de Janaína; a ascensão no parlamento se deve, em grande parte, à *habilidade nas articulações partidárias*;
6. [...] assim como Dória, Cauê se notabiliza pelas *críticas contundentes* ao PT;
7. Pedro Tobias diz que o parlamentar é “um homem de palavra, *firme e leal*”;
8. As redes sociais do presidente ... *destoam do tom* dos comunicados oficiais do Palácio do Planalto;
9. Rego Barros adota uma postura *apaixonadora* nos pronunciamentos diários à imprensa; as postagens nas contas de Bolsonaro seguem o mesmo tom *belicoso* do período da campanha;
10. Bolsonaro foi convencido a divulgar uma nota *amenizando* o tom de crítica do Carnaval;
11. Janaína Paschoal se *surpreendeu* com a pergunta;

12. [...] *rindo*, Bolsonaro lhe perguntou...;
13. Não tenho notícias de ameaças ou agressões, mas realmente os *ânimos* ficaram *aflorados*;
14. [...] é ótima professora, *gentil, fidalga, discreta* e de convicções *firmes*; é o oposto da figura pública *eloquente, engajada* e algumas vezes de *retórica exagerada*;
15. [...] *exaltada*, ora *girando uma bandeira ... gritava* que o país não era... *dizia aos berros...*;
16. [...] *a contundência, o temperamento forte e a verborragia* (??) incomodaram alguns dos próprios aliados... ;
17. Bolsonaro e Maia *mudam de tom*;
18. Com isso, as declarações tiveram um *tom conciliador* ... ;
19. O dirigente da Câmara ficara *irritado* com as cobranças;
20. Uma conversa muito *amigável...*;
21. Também passou (sic) pelo *tom de pacificação* as comemorações;
22. Apesar da *mudança de tom...*

Destaca-se, nesses enunciados, a presença, em abundância, da palavra “tom” ou de palavras do mesmo campo semântico (voz, entre elas), acompanhadas de qualificadores, entre os quais os mais notórios são *apaixoador, conciliador, eloquente, exagerado, amenizar, exagerar, mudar (o tom), subir* e de algumas descrições de movimentos ou comportamentos ou sentimentos, tais como *raiva, gestos largos, gestos calculados, fala pausada, firme, contundente*. É interessante verificar a quantidade de avaliações deste tipo em reportagens, sendo que uma das recomendações mais comuns aos jornalistas é que sejam objetivos, que não expressem sua avaliação etc. (eles dizem que preferem os fatos, apresentados com substantivos e verbos).

O segundo conjunto de dados foi extraído de uma longa reportagem intitulada “O pessimismo épico de Jordan Peterson”, publicada no caderno ILUSTRÍSSIMA, no dia 7/4/2019, acessível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/04/jordan-peterson-atrai-multidoes-com-discurso-epico-e-conservador.shtml>.

Ponho em negrito algumas palavras, aquelas que a meu ver merecem mais destaque, pois considero que são já análises que eu mesmo faria, talvez (com as quais eu aprendi, na verdade). O que pretendo é mostrar que o ethos tem muito a ver com voz, mas também com roupa e corpo. Às vezes, é a reação da plateia que é avaliada:

23. Intelectuais *não deveriam se derramar em lágrimas* quando estão dando palestras; ele fala *sério*;
24. [...] em termos mais *apropriados para um dramaturgo da Grécia Antiga ou um teólogo medieval* do que pra um *youtuber ou um convidado típico* do programa “The Joe Rogan Experience”, Peterson *fala de uma maneira que faria o papo em um jantar minguar até virar silêncio*;
25. [...] ele o faz com o *cenho fortemente cerrado*, com a *formalidade de um terno com colete* e a tendência de se *comover até as lágrimas* com as coisas que está dizendo;
26. [...] porque se sentem *constrangidas* demais diante da perspectiva de dialogar com um pessimismo de dimensões tão *épicas*;



27. [...] eles se **deleitam** com os momentos em que o entrevistador arranca uma *reação de mau humor*...;
28. [...] o transmissor de novas mensagens **sombrias e incendiárias**;
29. tachando-a de **séria** demais ou **simples** demais... ;
30. [...] permite que nos desviemos da **sinceridade sufocante** de Peterson;
31. Peterson tem o **ar de um pregador** que está passando... ;
32. [...] e sua *seriedade* de nível religioso simplesmente nos **espanta** porque, tirando a *angústia política exagerada*, o que se espera do comentário culto é que ele seja **leve e divertido**;
33. [...] talvez não em seus tópicos, **mas com certeza em seu tom**; tirando a *perplexidade polida*...;
34. [...] qualquer coisa que agrada aos homens é **sinistra**...;
35. [...] o **ambiente** nesses eventos é, sobretudo, *positivo*;
36. [...] os presentes não são “incels” (celibatários voluntários) **agitados**, mas pessoas *normais*;
37. [...] conselhos que são ao mesmo tempo **solenes**... e gravemente **serenos**;
38. [...] fala sem pestanejar de virtudes tremendamente antiquadas como **coragem, bravura, resiliência e confiabilidade**;
39. [...] seu **discurso é direto e simples**, destituído do brilho **insinuante e servil** que acompanha a maior parte do discurso público;
40. [...] no cerne do estilo retórico de Peterson está a mais antiga das **prescrições masculinas: agente firme**.

O terceiro grupo de dados foi anotado de duas obras de Nelson Rodrigues. Uma é *O óbvio ululante*, de que destaco algumas ocorrências, para não transcrever quase tudo (os números indicam a página; veja-se que não fui além da página 30):

41. A frase fora criada, recriada, até chegar à forma exata, inapelável e assassina (p. 15);
42. E aquilo que Irineu Machado *berrara* (p. 15);
43. [...] as mulheres tinham um repertório de *gritos* que as novas gerações não usam, nem conhecem (p. 16);
44. Elas se *esganiçavam* e *rolavam pelas cadeiras* (p. 16);
45. Fala com uma *vaidade feroz e jucunda* (p. 18);
46. Era um papa, a *mendigar* uma oração (p. 20);
47. daria tudo para ver o dr. Alceu *mendigando* minhas orações com a *humildade de um papa* (p. 22);
48. Quando o vi morto, fiz a mim mesmo o *juramento ressentido* (p. 22);
49. Mas rezaria pelo dr. Alceu se ele *implorasse* uma oração (p. 22);
50. Baixa em mim o *tédio* (p. 23);
51. Acabei com aquilo *sumariamente* (p. 23);
52. A notícia deu-me um *alívio*, uma *brusca* e *vil euforia* (p. 23);
53. Fecho os olhos e ouço seus *gritos* (29);
54. Por que todo esse elenco de *nívos*? (p. 29);
55. Era uma dor sofrida, *mugida* (p. 30).

Destaco *berrar, gritos, esganiçar, rolar pelas cadeiras, vaidade feroz, implorar, mendigar, ódio ressentido, sumariamente, brusca e vil euforia, dor mugida*. Entre tantas

possibilidades, merecem destaque as vozes de animais (berrar, esganiçar dor mugida), marcas do ethos hiperbólico<sup>5</sup> do autor, entre tantas outras.

A outra coletânea foi extraída em *A menina sem estrela*, uma espécie de autobiografia:

56. Deu-me um *ódio cego*, uma vontade de partir a boca que dizia aquilo (p. 94);
57. [...] o meu próprio riso me feria e *envergonhava* (p. 95);
58. E logo veio outra *furiosa certeza* (97);
59. Só *jala aos berros* e seu *suspiro é ainda um berro* (p. 101);
60. Mas repetia numa *voz inaudível como o hálito* (p. 98);
61. Perfeitamente *justa a irritação* do francês (p. 226);
62. Que eu saiba, é o único negro que assume, com *lúcida ferocidade...* (p. 226);
63. Essa *paixão* negra do Abdias, esse potencial de *ira* (p. 226);
64. Eu imaginava para o papel *uma figura plástica, uma obsessiva presença vital. Sim, um negro belo e voluptuoso...* (p. 227);
65. [...] o preto brasileiro tem uma estrutura *doce* demais para viver o *ódio maravilhoso* de Ismael (p. 227);
66. Cada *silêncio, e fala, e gesto* de Maria Della Costa tinha a *voluptuosidade assassina da heroína* (p. 227).

Nesses dados destaco *ódio cego, envergonhar, furiosa certeza, berro, suspiro, voz inaudível como hálito, justa irritação, lúcida ferocidade, paixão, obsessiva presença, ódio maravilhoso*, que são descrições de vozes, de estados de espírito e de comportamentos que o autor capta por meio do tom de voz de suas personagens. Algumas dessas descrições e avaliações revelam o *ethos hiperbólico do autor*, que a tudo avalia exageradamente (*inaudível como o hálito, furiosa certeza, ódio maravilhoso, lúcida ferocidade*). No enunciado (66) estão acumuladas diversas avaliações de uma atriz que, segundo o autor, tem o perfil (o ethos? um ethos prévio?) adequando para incorporar uma personagem complexa de seu teatro: domina a fala e os silêncios, o gesto, além de incorporar uma *voluptuosidade assassina*.

Uma possível análise desses estes dados surgiu de uma conversa, seguida de uma leitura, em março de 2020. Dominique Maingueneau esteve em um evento em São Carlos (SP) nessa data, quando lançou *Variações sobre o ethos* (MAINGUENEAU, 2020). Na ocasião, comentei com ele sobre estes dados, cuja análise estava travada. Sua sugestão foi que levasse em conta um conceito novo, o de ethos encaixado (embora, segundo ele, não se trate exatamente do mesmo fenômeno), que ele apresentava em seu novo livro.

Esse conceito visa a dar conta de fenômenos que ele exemplifica analisando peças teatrais e obras literárias: é um ethos representado em outra enunciação (MAINGUENEAU, 2020, p. 48): por exemplo, o ethos de personagens de uma obra teatral, que, tomada em sua totalidade, pode sugerir o

<sup>5</sup> Em outra obra, *A sombra das chuteiras imortais*, que reúne textos sobre futebol, há dezenas de ocorrências de “rosnar” (como em “passamos a rosnar em todos os botecos do continente [...]”) introduzindo discursos relatados. Consta na mesma crônica (“O divino delinquente”) uma de suas famosas frases exageradas: “A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana”.

ethos de um autor, não necessariamente é associado ao ethos de suas personagens (médicos, donzelas, serviçais etc.).

Assim, os casos de ethos que chamaram minha atenção não são nem casos de ethos dito nem de ethos mostrado, nem mesmo uma subdivisão de um deles, como me ocorrera. Mas, considerado este novo conceito, que não fora exposto anteriormente, pareceu-me que “meus” dados também não se encaixavam claramente nesta nova categoria, porque os autores não mostram o ethos de suas personagens (falando); eles o dizem.

Escrevi ao autor e lhe mandei a lista de dados. Sua resposta foi que se trata de um caso complicado. Mais do que de um ethos dito (hipótese já descartada) seria um ethos “interpretado” e heteroatribuído (enquanto o ethos dito é autoatribuído).

Achei a sugestão esclarecedora, mas ainda restou uma sombra. Os dados que chamaram minha atenção propõem o seguinte problema: qual a diferença entre o tipo de ethos proposto por uma analista (conciliador, épico, irado, autêntico) e um ethos atribuído por um jornalista / cronista / literato?

Lendo e relendo os dados, pareceu-me que há duas hipóteses: a) considerar como ponto de partida a relação entre locutor (ou uma pessoa em certa situação – um velório - cujo comportamento é analisado) e o ouvinte, caso em que o ouvinte analisa o ethos do locutor (um cronista / autor / repórter analisa o ethos de uma personagem / um político). Neste caso, estaríamos diante do fenômeno discursivo prototípico: um falante e um ouvinte, este avaliando o ethos daquele; b) valorizar mais consistentemente os dados, considerando que há de fato três posições: o locutor / pessoa; o escrevente / autor; o leitor / ouvinte.

Este é o caso em que a hipótese do ethos encaixado é relevante, porque o leitor / ouvinte do texto final só tem acesso ao ethos do locutor por meio da análise do autor / narrador / repórter.

A segunda hipótese parece mais produtiva por três razões: a) não há nenhum motivo para excluir o leitor / ouvinte, já que se trata de um texto a ele dirigido (escrito ou falado, como num programa de TV ou de rádio); b) não se “perde” o acesso ao ethos do locutor, embora se trate de um acesso vicário, mediado por um autor / narrador; c) torna-se possível imaginar que a análise do ethos de alguma personagem feita pelo narrador / repórter revele seu próprio ethos; parece ser o caso de Nelson Rodrigues, embora esta hipótese seja alimentada também por seu ethos prévio, talvez.

Embora esta análise possa não ser totalmente convincente, o resultado que mais gostaria de ressaltar é que há um fato pouco considerado nas análises do ethos (ou mesmo dos discursos): o volume de avaliações da própria língua e dos sujeitos que interagem não é desprezível e não pode ser desprezado. Ele se situa mais ou menos no mesmo terreno em que estão as questões do epilinguismo e da metaenunciação.

Há outra razão, talvez, para levar a sério as avaliações do tom: eles se baseiam em estereótipos, que são uma fonte admitida de avaliação do ethos, e não emanam de uma ciência positiva. Assim, de certa forma, pode-se dizer que são um tipo de linguística popular.

## REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. Marcadores prosódicos em textos literários. In: **Estudos Linguísticos, anais de seminários do GEL**, XVIII, 1989. p. 195-203. Disponível em: [http://www.gel.hospedagemdesites.ws/arquivo/anais/1309090746\\_26.cagliari\\_luiz.pdf](http://www.gel.hospedagemdesites.ws/arquivo/anais/1309090746_26.cagliari_luiz.pdf).
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 1984.
- MAINGUENEAU, Dominique. El ethos y la voz de lo escrito. **Versión. Estudios de Comunicación y Política**, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco (UAM-X), n. 6. p. 79-86, 1996. Disponible en: <http://bidi.xoc.uam.mx/MostrarPDF.php>.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre ethos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

*Recebido em 9 agosto de 2020.*

*Aceito em 30 de setembro de 2020.*

*Publicado em 30 de novembro 2020.*

## SOBRE O AUTOR

**Sírío Possenti**, graduado em Filosofia, é doutor e mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor de Linguística do Departamento de Linguística do Instituto dos Estudos da Linguagem da Unicamp, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística e orientou diversas teses e dissertações. É Líder do Grupo de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos, Teoria e Análise (FEsTA/Unicamp). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A. Analisa piadas e outros textos de humor, a partir dos quais discute teses da análise do discurso. Publicou, além de vários artigos em periódicos nacionais e internacionais, entre outros, os livros: *Discurso, estilo e subjetividade*; *Por que (não) ensinar gramática na escola*; *Os humores da língua*; *Os limites do discurso*; *Questões para analistas do discurso*; *Questões de linguagem*; *Humor, língua e discurso*; e *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. Traduziu diversas obras de Dominique Maingueneau, entre as quais *Gênese dos discursos*.

E-mail: [siriop@terra.com.br](mailto:siriop@terra.com.br)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3358-4984>